

INTRODUÇÃO AOS MÉTODOS DE REPRESENTAÇÃO DA CARTOGRAFIA TEMÁTICA

Clésio

- Os métodos de representação da cartografia temática hoje conhecidos e mundialmente empregados consolidaram-se a partir de uma transformação na percepção do mundo operada no fim do séc. XVII e início do séc. XVIII.
- Deixava-se de lado a preocupação com o inventário e a descrição exaustiva de todos os objetos que podiam ser recenseados à superfície da Terra para ressaltar apenas um desses elementos, com vistas a uma maior compreensão e controle do espaço.

- Depois de atentar para uma imediata praticidade, a cartografia temática prontificou-se a atender as demandas emanadas das concepções filosóficas e metodológicas dos vários ramos científicos emergentes no fim do séc. XVIII e início do séc. XIX.

- Esta crescente busca de especialização foi se operando mediante uma gradativa libertação do registro eminentemente analógico, passando a considerar temas que paulatinamente se somavam à topografia.
- Esses acréscimos foram primeiramente qualitativos, como o uso da terra e cobertura do solo, os conhecimentos mineralógicos do subsolo.

- Logo em seguida emanciparam-se representações temáticas de fenômenos que não se inscreviam materialmente e geometricamente sobre a superfície da Terra.
- Foram os casos do magnetismo terrestre expresso por linhas de igual valor, os ventos e as correntes marítimas registradas por rede de linhas orientadas, por obra de Edmond Halley, em 1686 e 1701.

- Podemos perceber nessas representações o início de uma ruptura com o mundo do visível e a busca da exploração da variação perceptiva em terceira dimensão visual (Z) ancorada à localização (X, Y).
- A representação essencialmente temática passa a se confirmar com a passagem das expressões eminentemente qualitativas e ordenadas para a percepção e apresentação gráfica das quantidades.

- Até o fim do séc. XVIII, as quantidades eram representadas apenas mobilizando sua manifestação embutida nas duas dimensões (X, Y) do plano, isto é, não se mostrava a quantidade da população, apenas a extensão dos lugares habitados.

- As primeiras realizações da cartografia temática quantitativa foram feitas inscrevendo-se diretamente sobre o mapa, nos lugares de ocorrência, as quantidades referentes à população, economia, produção, extraídas dos dados oficiais, difundidos a partir da emancipação e confirmação da estatística como disciplina autônoma (início do séc. XIX)

A construção dos mapas temáticos

- Os mapas temáticos podem ser construídos levando-se em conta vários métodos.
- Cada um mais apropriado às características e à forma de manifestação (em pontos, linhas, em áreas) dos fenômenos considerados em cada tema, seja na abordagem qualitativa, ordenada ou quantitativa.
- Podemos empreender também uma apreciação sob o ponto de vista estático ou dinâmico.

- Assim, podemos agrupar esses métodos em quatro características fundamentais:
 - Métodos para representações qualitativas;
 - Métodos para representações ordenadas;
 - Métodos para representações quantitativas;
 - Métodos para representações dinâmicas;

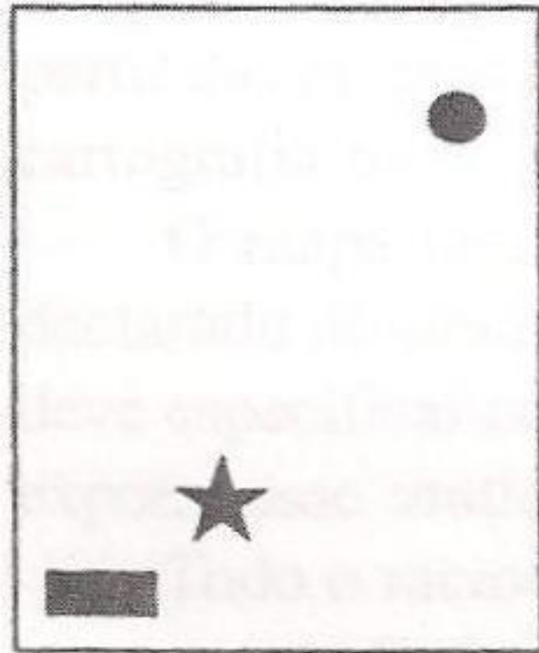
- O aspecto qualitativo (diversidade) responde a questão “o quê?”, caracterizando relações de diversidade entre os conteúdos dos lugares ou conjuntos espaciais.
- O aspecto ordenado (O) responde à questão em “que ordem?”, caracterizando relações de ordem entre os conteúdos dos lugares ou conjuntos espaciais.

- O aspecto quantitativo (Q) responde à questão “quanto?”, caracterizando relações de proporcionalidade entre os conteúdos dos lugares ou os conjuntos espaciais.

MAPAS TEMÁTICOS

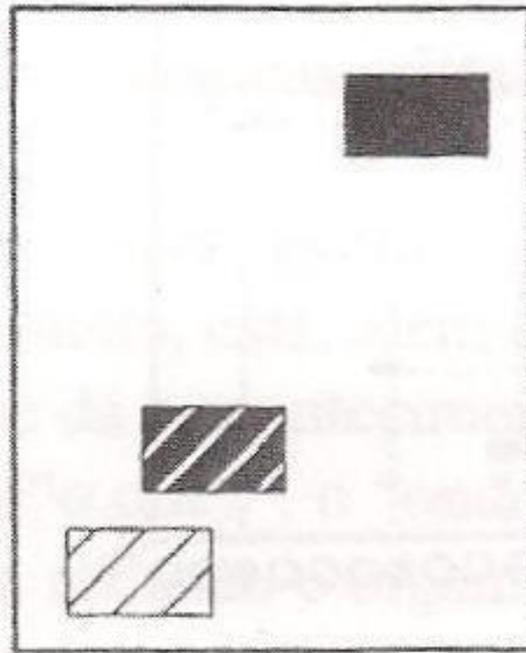
(≠)

Aspecto qualitativo
“O quê?”



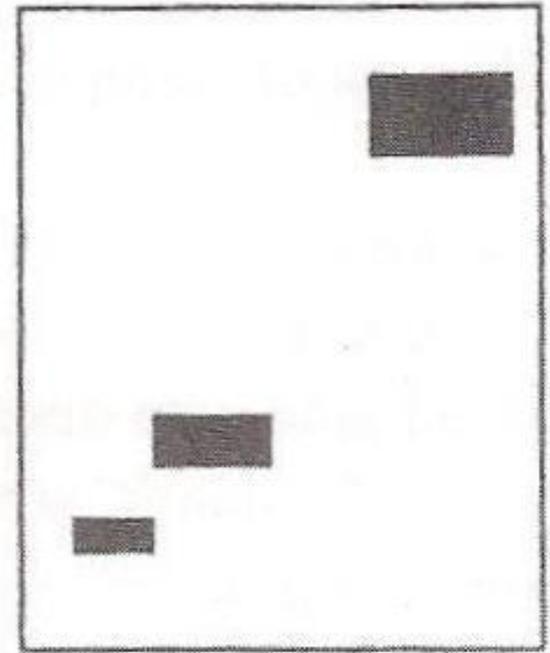
(O)

Aspecto ordenado
“Em que ordem?”



(Q)

Aspecto quantitativo
“Quanto?”



Os dados e o Mapa

- Ver apostila, pág 06. e 07

Quadro-resumo sobre semiologia gráfica

- Apostila, pág 08.

IMPORTANTEEEEEEEEEEEEEEEEE!!!

- Com o mapa temático pronto, passamos para a sua exploração, atividade que inclui as fases de leitura, análise e interpretação, o que promoverá a sua compreensão em busca do conhecimento, empreendimento que comumente chamamos de *comentário*.

- Podemos desdobrá-lo em:
 - Comentário Metodológico – analisando o porquê da adoção de tal método frente à especificidade da realidade a ser representada;
 - Comentário Interpretativo – avaliando a característica da distribuição do fenômeno, isto é, verificando como é seu arranjo espacial, para poder declarar, enfim o que o mapa revelou.

REPRESENTAÇÕES QUALITATIVAS



- São empregadas para expressar a existência, a localização e a extensão das ocorrências dos fenômenos, atributos em sua diversidade, que se caracterizam pela sua natureza, espécie, podendo ser classificados por critérios estabelecidos pelas ciências que os estudam.
- Conforme os fenômenos se manifestam em pontos, linhas ou áreas, no mapa utilizamos, respectivamente, pontos linhas e áreas.

- Esses mapas são os mais difundidos entre os geógrafos. Constituem o primeiro momento básico de um registro espacial para uma pesquisa.
- Para resolvermos um mapa qualitativo teremos de buscar a variação visual com propriedade perceptiva compatível com a diversidade: a seletividade. A variação visual tem que ser seletiva.
- No fim, ele responderá apenas a questões em nível elementar: o que há em tal lugar?

- 
- Exercícios 1, 2, e 3 da apostila.

REPRESENTAÇÕES ORDENADAS

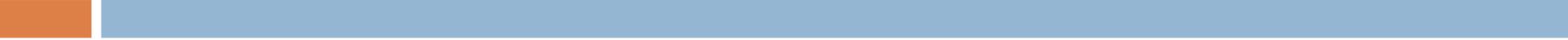


- As representações ordenadas em mapas são indicadas quando as categorias dos fenômenos se inscrevem numa sequência única e universalmente admitida.
- A relação entre objetos é de ordem. Definem-se, assim, as hierarquias.
- Por sua vez, o tempo também se apresenta naturalmente ordenado. É a concepção do tempo como sucessão.
- É o tempo histórico, muito presente nas abordagens geográficas, ao lado das coexistências.

- Assim, podemos admitir que certos fenômenos, vistos através de determinadas posturas metodológicas, nos autorizam a impor-lhes uma classificação, segundo uma ordem lógica e evidente, considerando categorias deduzidas de interpretações qualitativas, quantitativas ou de datações.

- São exemplos clássicos, a hierarquia das cidades pelo critério do tamanho populacional e a sequência da ocupação dos espaços agrícolas no tempo, criando uma ordem visual.
- Entretanto, embora a percepção ordenada fique patente também no tamanho, ele deve ser reservado para expressar a relação de proporcionalidade (B é tantas vezes maior que A).
- Quando essa característica não pode intervir devemos usar somente o valor.

- Podemos explorar também a ordem visual entre as cores, organizando-as das mais claras às mais escuras, seja entre as cores quentes, seja entre as cores frias.
- Na manifestação pontual fixamos o tamanho e a forma elementar e variamos seu valor visual, do claro ao escuro.
- Na manifestação linear, fixamos a espessura do traço e variamos seu valor visual, do claro para o escuro.
- Na manifestação zonal, consideramos uma variação visual de valor, do claro para o escuro, em toda a extensão da ocorrência.

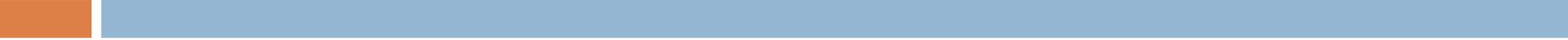
- 
- Exercícios 4, 5, e 6 da apostila.

REPRESENTAÇÕES QUANTITATIVAS



- São empregadas para evidenciar a relação de proporcionalidade entre objetos (B é quatro vezes maior que A), junto à realidade sendo entendida como de quantidades.
- Tal relação deve ser transcrita por uma relação visual de mesma natureza. A única variação visual que transcreve fielmente esta noção é a de *tamanho*.
- Entretanto, em muitas situações da realidade o cumprimento dessa orientação torna-se deveras complexa.

- Deixamos, então, que a metodologia da cartografia temática, estabelecida ao longo de sua sistematização, considere uma série de soluções para coordenar representações plausíveis, seja para manifestações pontuais, lineares ou zonais.



□ Exercícios 7 e 8.